



CAPÍTULO 1

Não sabia o porquê. O porquê de aquelas lágrimas não secarem, o porquê de estar ali, sozinha, naquele quarto vazio. Mas acima de tudo, não sabia o porquê de olhar pela janela e não o ver. Pela mesma janela de onde corrompia uma luz tênue, a única luz que iluminava aquela divisão vazia.

Encolhida numa cama demasiado pequena, os minutos passaram sem que eu fosse capaz de os contabilizar. As lágrimas já haviam secado, e era agora um incômodo localizado bem no centro da minha testa, que sobressaía de todo o cansaço que sentia no corpo.

Obriguei-me a abandonar aquele quarto na esperança de que, para lá das suas paredes, encontrasse o que procurava e, com isso, aliviasse o aperto sufocante que ainda sentia no peito. Percorri o longo corredor que se desenrolava à minha frente, à medida que deixava para trás as restantes divisões daquela mansão, todas elas iguais, frias e sombrias, quase mórbidas. Espreitando de relance para o interior de cada uma delas, sentia também o seu desespero. Estas pediam luz e calor. No entanto, recusei-me a ouvir cada um dos seus pedidos e prossegui, decidida, em busca dele.

Tinha agora, diante dos meus pés descalços, um longo lançaço de escadas de uma madeira escura e maciça. Lentamente, desci

os dois primeiros degraus, estacando logo de seguida, para tirar partido da vista privilegiada sobre um grande *hall* de entrada deserto. Com uma mão trémula, apoiei-me no corrimão e forcei-me novamente a descer, até me encontrar no piso térreo daquele número um.

Do meu lado direito, para lá de uma arcada que servia de entrada para um grande salão, fui atraída pela luz que provinha das suas imponentes janelas, como uma criança que tem medo do escuro. No seu interior, igualmente abandonado, imperava o barulho da chuva torrencial que embatia violentamente contra os vidros e criava uma melodia estranhamente tranquilizadora, quando em sintonia com as rajadas de vento e os seus efeitos nas copas das árvores do jardim.

No instante seguinte, a minha mão estava já pousada sobre a maçaneta da porta de entrada. O desejo de sair daquela casa era tão intenso, que a minha fuga para o exterior foi imediata.

Bastaram, contudo, breves passadas naquele vasto jardim, para que o meu corpo trémulo, e ainda cansado, me pedisse para recuar, quando o fino tecido do meu vestido ensopado se colou a mim como uma segunda pele. Ainda assim, não vacilei.

A verdade é que eu não sabia realmente para onde queria ir. A minha única certeza era de que precisava de encontrá-lo. Mas, a cada novo passo, o cenário ao meu redor mantinha-se inalterado, sem que eu avançasse um único centímetro, e o cansaço começou a apoderar-se cada vez mais dos meus membros, com o meu corpo a ceder a uma dormência gradualmente generalizada.

Se eu ficar aqui, apenas... pensei.

Sim, eu precisava daquela dormência, percebi, quando esta se sobrepôs ao frio que sentia anteriormente. Fechei os olhos e deixei que a chuva continuasse a cair sobre mim, saboreando

as suas gotas nos meus lábios, até que a única sensibilidade na minha pele fosse apenas notória pelo contacto dos meus pés com o solo lamacento.

Está a resultar, tranquilizei-me, desfrutando daquela sensação e permitindo que o meu corpo relaxasse.

Foi então que, prestes a perder o equilíbrio, duas mãos rodearam cada um dos meus braços e eu embati contra um peito quente. Ergui o olhar e encontrei um rosto masculino, demasiado sério e estranhamente familiar, a olhar-me de volta. Era ele, sabia-o.

Tentei falar, mas a voz faltou-me. Voltei a tentar, frustrada e motivada pela urgência que tinha em colocar-lhe tantas perguntas: como é que eu tinha acabado ali sozinha? Porque é que também ele estava agora ali? Acima de tudo, porque é que eu precisava tanto de que ele ali estivesse?

Apertei a sua camisa num último sinal de desespero, até que as minhas pernas cederam. Nesse mesmo instante, ele levantou-me nos seus braços e encaminhou-nos de volta ao interior da mansão, de regresso àquele quarto e à sua cama pequena.

A única coisa que fui capaz de manter viva durante todo o percurso foi o meu olhar fixo no dele, e esperava que ele o conseguisse decifrar, que percebesse que lhe suplicava para não me deixar novamente ali sozinha. Mas ele não parecia disposto a conceder-me esse desejo. Num gesto carinhoso, depositou-me um beijo na testa — um claro beijo de despedida — e, sem hesitar, saiu do quarto e foi engolido pela escuridão do corredor.

— Espera! — consegui gritar, por fim.

Uma vez mais, apressei-me a percorrer aquele infindável corredor e a descer as mesmas escadas de regresso ao salão,

apenas para o encontrar vazio. Então, através de uma das suas janelas, vi-o avançar pelo jardim num passo acelerado e decidido, à medida que algo caminhava também na sua direção, vindo do denso aglomerado de árvores à sua frente.

Não conseguia identificar que criatura era aquela, mas senti um medo inexplicável ao vê-la aproximar-se cada vez mais dele, exibindo toda a sua imponência. Apesar das suas dimensões desproporcionadas, o meu cérebro categorizou-a como uma espécie de lobo.

Tentei gritar, em vão. Tentei avisá-lo da presença daquela criatura, mas também ele já se apercebera, estando agora imóvel, a encará-la.

Eles fitaram-se durante aquilo que me pareceu uma eternidade, como se esperassem por aquele momento há demasiado tempo, e de repente, o animal investiu contra o homem que eu procurava e arrastou-o vegetação adentro num confronto violento.

Acordei sobressaltada, transpirada e, ao mesmo tempo, a tremer de frio.

Tudo aquilo me pareceu demasiado real, e eu não gostava particularmente desse tipo de sonhos. No entanto, este fora diferente. Pela primeira vez, experienciara uma realidade que conhecia, embora não soubesse de onde, uma história que tinha um passado na minha cabeça, mas do qual não me lembrava e, acima de tudo, uma história com personagens pelas quais nutria sentimentos intensos; sentimentos que tinham uma razão de ser tão forte, mas os quais eu não sabia, igualmente, explicar.

Ansiosa, olhei para o lado na tentativa de me acalmar e certificar-me de que tudo aquilo não tinha realmente passado

de um sonho, e inspirei de alívio ao encontrar o Pedro a dormir. Reconfortada pela sua imagem, enrolei os meus braços ao redor do seu tronco nu e mantive-me assim, quieta, com receio de adormecer e retomar aquele que fora, sem dúvida, o mais real de todos os meus pesadelos.



CAPÍTULO 2

O despertador tocou às sete horas, com sons de pássaros a cantar, água a escoar e copas de árvores a mexer. Segundo o Pedro, é como se estivéssemos a acordar numa floresta, mas, para mim, é como se eu tivesse uma Amazónia dentro de casa, com direito a cascata ao fundo do corredor.

Biólogos.

Ele já não estava ao meu lado quando acordei. Em vez disso, um talão de supermercado com uma mensagem escrita no verso:

«Bom dia! Almoçamos juntos?»

Enviei-lhe uma mensagem a confirmar o almoço e comecei a despachar-me para apanhar o autocarro que me levaria até ao trabalho. Aquela manhã ia ser diferente de todas as outras, desde que comecei a trabalhar na Atlântida. Uma nova direção iria tomar posse e ser apresentada à empresa, pelo que, acima de todos os outros dias, tinha mesmo de chegar a horas.

À entrada do edifício de quinze andares, localizado mesmo no centro de Lisboa, conseguia sentir a tensão, ainda antes de atravessar as suas grandes portas automáticas.

— Bom dia, senhor Jorge.

O segurança do turno da manhã já se encontrava no seu habitual ritual de desinfecção, ora com gotas antigêrme para as mãos, ora com o seu *kit* de limpeza de secretárias — desenvolvido pelo próprio —, o qual incluía até, um minúsculo pincel para o teclado do telefone.

— Bom dia, menina Diana — saudou-me. — Este edifício hoje está um autêntico rebuliço, já a esta hora da manhã.

Era notório o seu nervosismo. Qualquer situação de entra e sai atípica nas suas manhãs controladas e metódicas, era uma ameaça iminente à sua secretária.

— Acredito. — Fiz uma pausa, não resistindo depois a provocá-lo: — Já lhe disse que devia criar uma patente para esse *kit* de limpeza, senhor Jorge? Se quiser, posso dar uma palavrinha a uma das nossas advogadas.

Já não o ouvi a reclamar. Aproveitei que estavam pessoas a entrar para um dos elevadores e apressei-me a subir com elas.

Iniciei o meu trabalho na Atlântida — considerada uma empresa líder no ramo da arquitetura — logo após o meu estágio curricular na mesma, há quatro anos, e tive a sorte de lá permanecer, acabando por ser inserida nos seus quadros.

Durante esse período, nunca uma quinta-feira carregou consigo tanta agitação como a que assistia agora, ao chegar ao décimo segundo andar. Os meus colegas dirigiam-se para a grande sala de reuniões como um autêntico formigueiro, onde todas as formigas operárias haviam sido convocadas pela rainha.

— Bom dia, Diana — saudou-me a minha colega Júlia. — Vamos, despacha-te! Já guardei um lugar para nós.

— Bom dia, Júlia. A nova direção já chegou toda?

— Sim, esta gente tem mesmo pontualidade britânica. Anda, vão começar daqui a pouco! — prosseguiu, arrastando-me pelo braço.

Chegadas aos nossos lugares — previamente reservados por meios confidenciais, bem ao estilo frenético da Júlia —, sentámo-nos mesmo antes de fecharem a porta.

Procurei pela nova gerência ao fundo da sala, na grande mesa de apresentações, a qual se assemelhava a uma mesa de conferências de imprensa futebolísticas. Enganada pela ideia pré-concebida de que iria encontrar um grupo de empresários engravatados, com ar altivo, prontos a iniciarem um monólogo previamente ensaiado de como as coisas iriam mudar por ali, encontrei, em vez disso, apenas dois: um mais velho, na casa dos sessenta anos; e outro, visivelmente mais novo, que não aparentava ter mais do que trinta.

— São só estes dois? — questionei a Júlia, que já se encontrava de óculos e caderno de apontamentos a postos. — Pensava que tinha sido uma grande empresa a adquirir a Atlântida.

— Sim, é uma grande empresa. Mas essa grande empresa é familiar, e estas duas alminhas estão à frente dela. O Stain sénior e o Stain júnior — respondeu ela, soltando um risinho estridente que chamou a atenção do Stain júnior, fazendo com que ele olhasse para nós como se fôssemos duas miúdas na sua primeira aula de educação sexual.

Após terminados os últimos retoques técnicos, o Stain sénior deu início à reunião:

— Bom dia a todos. O meu nome é Fernando Stain e sou o presidente e fundador da Habitat Creations. Pretendo que esta apresentação seja breve, contudo, espero conseguir responder

a toda e qualquer questão que possam ter nesta fase inicial. Ao meu lado, tenho comigo o doutor Gonçalo Stain, meu filho, e diretor executivo. — Antes de prosseguir, lançou um sorriso fraterno na direção deste último. — Como já todos devem saber, a Habitat Creations encontra-se representada em grande parte do território do Reino Unido, tendo a sua sede em Edimburgo, e neste momento, estamos a investir em empresas com potencial na Península Ibérica, razão pela qual adquirimos a Atlântida. — Fez uma nova pausa e percorreu a sala com o olhar. — Acima de tudo, com esta reunião, quero garantir-vos que nada irá mudar drasticamente por estes lados. Desde os postos de trabalho e respetivas condições, como sabem, até ao próprio nome, que se manterá Atlântida, tornando-se assim uma filial da Habitat Creations. Os projetos, por outro lado, serão mais ambiciosos e alguns poderão até ocorrer fora de Portugal. Para isso, conto com a gestão do doutor Gonçalo e do seu braço direito, o doutor Philip Andrade, que terão oportunidade de conhecer mais tarde. O doutor Gonçalo será também coordenador de uma das equipas de trabalho, a qual resultará da fusão entre membros de ambas as empresas, para que haja uma maior e mais rápida união das mesmas.

— Espero que façamos parte dessa nova equipa dele — sussurrou-me a Júlia.

— De tudo isto que o homem está a dizer, foi isso que decidiste reter e comentar?

— Não. Também retive que ali o Stain júnior não é capaz de descolar os olhos desta zona durante muito tempo.

Olhei para ele, como reação ao comentário da Júlia, apenas para me arrependeu logo de seguida. Ele estava, de facto, a olhar para nós... Para mim, naquele momento. Mas o olhar dele não